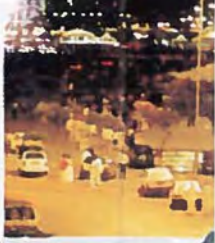


CONTRATO Nº 2810/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP AC/CÂMARA LEGISLATIVA
IMPRESSO

DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA
ANO VI Nº 70/74
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Brasília





□ JOSÉ SANTIAGO NAUD

I
O azul era o seu domínio
e as chuvas caíam sobre suas escamas
como coisa difícil

ave
penosamente ancorando
no galho nu
antes da invernia.
Todos os dias

o sol
era alimento dos bichos
e a lua

em vão serena
pretendia
a doce contemplação
do pasmo e da magia.

Alto
planava
no vazio dos conceitos

não obstante a essência
de águia tenaz
a que a presa fugiu
e ainda persiste

e se agita
no seu puro planar
cheia de nada.

Foi
longamente
sem ser mais que deserto.
As águas desciam

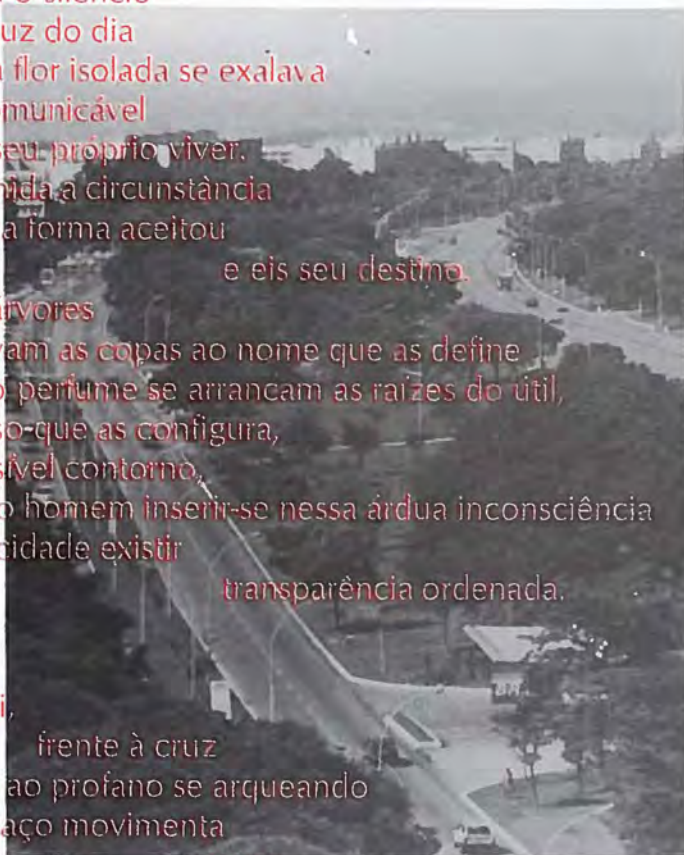
metódicas
para o silêncio
e à luz do dia
uma flor isolada se exalava
incomunicável
no seu próprio viver.
Colhida a circunstância
outra forma aceitou

e eis seu destino.
As árvores
curvam as copas ao nome que as define
e do perfume se arrancam as raízes do útil,
senso que as configura,
invisível contorno,
até o homem inserir-se nessa árdua inconsciência
e a cidade existir

transparência ordenada.
II
Aqui,
frente à cruz
que ao profano se arqueando
o braço movimenta

e voa
ancorada,
construo-me ao teu contato.

Ser no deserto
ordem no inerte
contraforte
da possessão do mar,
ó numerosa,
somos a razão vulnerável de te achar
una
após tantas mãos agitadas.
Eras de pedra



até o momento da nossa anuência,
ausência
das vozes pronunciadas sobre as tuas formas
como um signo inscrito,
rito
que o espaço irrompe
quando
nua clara precisa
a saudade enfim te enlaçou
de frêmito e ânsia.
Em nosso território repetimos
teu puro existir
e assim nos arrastas, consentida,
razão edificada



Adias nossa tristeza
(dona estranha das coisas)
até o momento em que
de vida
inserimos o espaço
e ao trabalho somamos tua nova energia
iluminando a noite,
frente a nós
moradora dos páramos sombrios,
mas posta agora aqui
com rutilância,
vencida
e imensa.

